

matinal

gem Cultura Agenda Opinião Podcasts Mais projetos

Cristovão Tezza: “Esperei passar dos 70 para enfrentar meu pai”

Convidado do Festival Fronteiras, escritor falou à Matinal sobre a escrita da intimidade em “Visita ao Pai”, seu livro mais recente

por RICARDO ROMANOFF

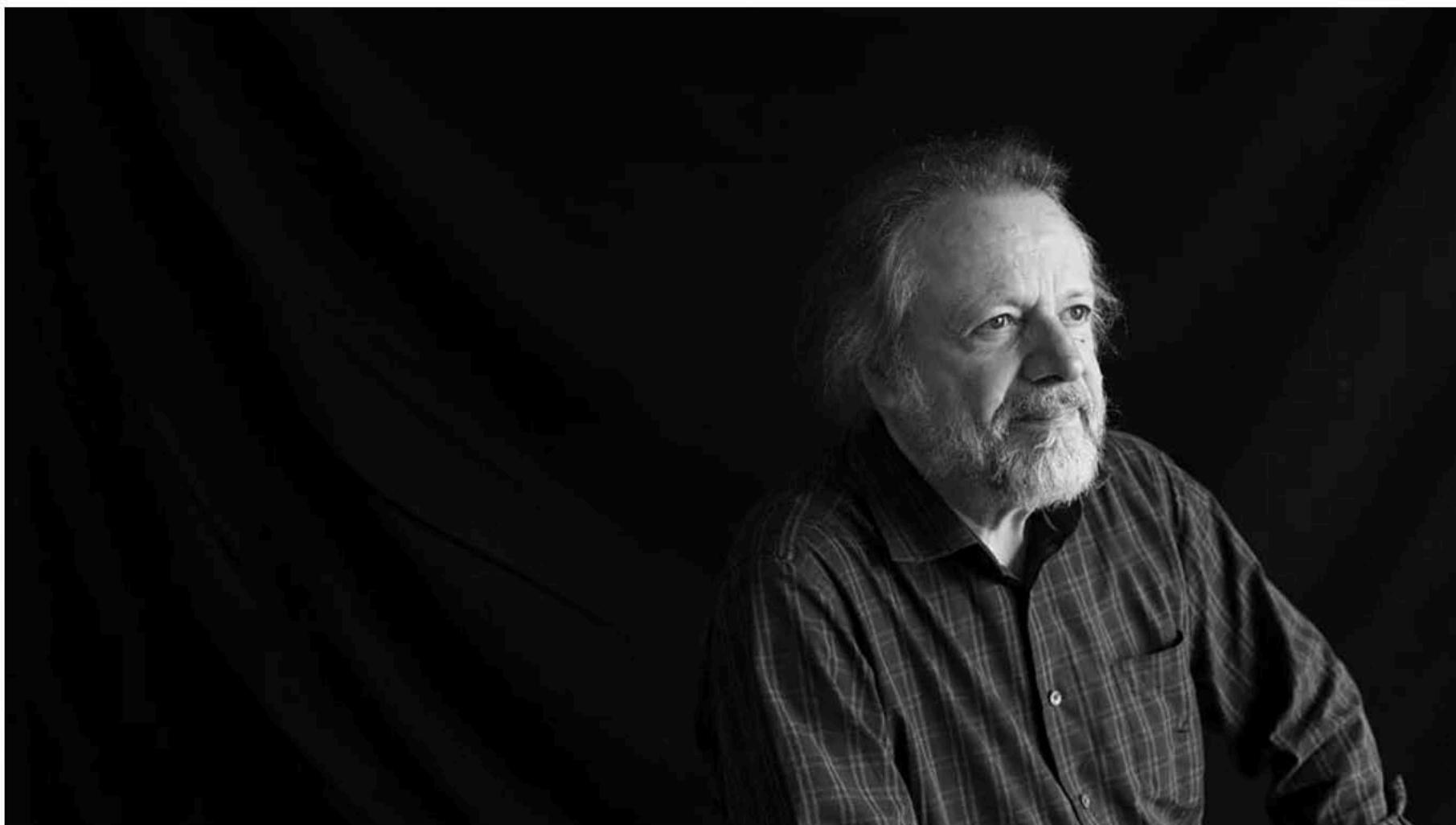


Foto: Renato Parada

A história começa em 1931, quando **João Batista Tezza** deixa o interior de Santa Catarina para se alistar no Exército em Florianópolis. Pouco depois, já no quartel, o jovem de 20 anos incompletos passa a registrar cartas, telegramas e documentos em cadernos que, décadas mais tarde, inspirariam o filho, **Cristovão Tezza**, a escrever *Visita ao Pai* (2025).

“Assim como levei mais de 20 anos para escrever sobre meu filho Down (*em O Filho Eterno, romance vencedor do Prêmio Jabuti*), esperei passar dos 70 para enfrentar meu pai. Eu sempre brinco com a ideia de que a literatura é como a vingança: tem de ser produzida a frio”, conta o escritor à **Matinal** – **leia a entrevista a seguir.**

Tezza tinha apenas 6 anos quando o pai faleceu, após colidir sua lambreta com uma Kombi, no município de Lages (SC), em 1959. Já adulto, o escritor folheou diversas vezes os cadernos do progenitor – 26 ao todo, dos quais quatro se perderam –, sem encontrar maneira de transformar em livro a documentação de caráter cartorial produzida pelo pai. Mas o “impulso da maturidade”, nas palavras de Tezza, o mobilizou a revisitar os cadernos e estabelecer diálogos entre trajetórias.

“Queria deixar a palavra do meu pai mais ou menos intacta, e não inventar um personagem a partir dele. Com a leitura das cartas, fui percebendo paralelos históricos entre a formação dele, nos anos 1930, e a minha, nos anos 1970, ambos vivendo sob ditaduras”, explica o escritor. “Descobrir o fio histórico e emocional que liga meu pai a mim mesmo foi uma das chaves do livro”, completa Tezza, que considera *Visita ao Pai* a obra mais difícil de sua carreira.

Outro paralelo ganha evidência no primeiro capítulo do livro. Tezza aponta o espírito colecionador do pai, que registrava desde cartas e telegramas até requerimentos e atestados, por vezes reproduzindo inclusive carimbos dos documentos originais. Ao refletir sobre esse foco dos cadernos, o escritor recorda sua obsessão por arquivar fotografias.

“A insistência em registrar todos os momentos, encontros e paisagens da minha vida e arquivá-los em pastas digitais devidamente datadas, que foram se mantendo por décadas de computador a computador e depois em pilhas de HDs externos, é semelhante ao projeto do meu pai: gravar cada momento”, compara Tezza.

Ao longo de 448 páginas, o escritor também destaca o universo afetivo do pai e a forma como a mãe, **Elin**, entra na vida de João Batista. Além da dimensão íntima e familiar, os cadernos também revelam o cenário político brasileiro da época, incluindo o encanto do pai por **Plínio Salgado**, líder da **Ação Integralista Brasileira**, movimento de inspiração fascista que ganhou força no país nos anos 1930. “Sua correspondência é uma micro-história do seu tempo”, ressalta o escritor.



Foto: Renato Parada

Tezza conversou com a Matinal antes de embarcar para o **Festival Fronteiras**, em **Porto Alegre**, no qual participará de uma conversa com o escritor **Milton Hatoum** sobre narrativas da intimidade, no **sábado (16/5)**, às **9h**, no **Salão Nobre da Catedral Metropolitana**. Em seguida, às **11h**, o escritor concede entrevista sobre o tema “A vida em travessia: afetos, memória e criação”, na **Sala da Música do Multipalco** – os ingressos para as atividades estão à venda no [site do evento](#).

Ao meio-dia, também no sábado, o escritor fará uma sessão de autógrafos gratuita na **Livraria da Travessa** – confira a programação completa do Festival Fronteiras [aqui](#).

Leia a entrevista.

Matinal: O que impulsionou a imersão nos cadernos escritos pelo seu pai?

Cristovão Tezza: Durante anos eu sabia dos cadernos, mas sempre que abria ao acaso e lia um trecho, achava aquilo chato e sem interesse. Mas chegou um momento em que a correspondência do meu pai – que vai de 1931 a 1959, quando ele morreu – começou a ficar tentadora. Pouco a pouco, os cadernos foram me interessando. Foi um impulso da maturidade. Assim como levei mais de 20 anos para escrever sobre meu filho Down (*em* O Filho Eterno), esperei passar dos 70 para enfrentar meu pai. Eu sempre brinco com a ideia de que a literatura é como a vingança: tem de ser produzida a frio.

M: Quais foram os principais desafios da construção da narrativa e quais abordagens você adotou para lidar com esse material?

CT: Foi o livro mais difícil da minha vida, por várias razões, a começar pela concepção narrativa. Como transformar aquela documentação cartorial de uma vida inteira numa narrativa, numa reflexão literária, em algo interessante? O livro já começa como “performance”, por assim dizer – eu vou tateando o caminho e deixando minha insegurança a descoberto. O próprio caminho foi criando o livro. E fui descartando as opções óbvias, a começar pela ideia de um romance histórico tradicional. Eu queria deixar a palavra do meu pai mais ou menos intacta, e não inventar um personagem a partir dele. Com a leitura das cartas, fui percebendo paralelos históricos entre a formação dele, nos anos 1930, e a minha, nos anos 1970, ambos vivendo sob ditaduras. Percebi o contraste entre as dificuldades dele e as minhas facilidades. Descobrir o fio histórico e emocional que liga meu pai a mim mesmo foi uma das chaves do livro.

Também descartei a ideia puramente biográfica, o que exigiria um rigor acadêmico sem sentido para o material que ele deixou; não se faz uma biografia apenas sobre cartas. Assim prefiro chamar a narrativa de um “romance da memória”, em que o documento se soma à difusa memória familiar para reconstruir a formação dele e a minha. Como eu digo num momento, não são os fatos concretos que movem a vida, mas a imagem que fazemos deles; é a imaginação.

M: A relação do seu pai com a escrita se transformou ao longo do período dos manuscritos?

CT: Meu pai é um caso clássico da ascensão de uma classe média brasileira de meados do século 20, em especial ao longo dos anos 1950, quando o Brasil progressivamente deixava de ser um país rural e se urbanizava. O mais velho de nove irmãos, pouco alfabetizado, entrou no exército em 1931 (depois de trabalhar, ainda adolescente, na construção de estradas no Rio Grande do Sul e no Paraná). Com uma determinação autodidata incomum, fez madureza (o supletivo da época). Sempre trabalhando e estudando, chegou a se formar advogado. É interessante observar, ao longo dos anos, o seu crescente domínio da escrita, que ele via como uma escada fundamental de ascensão social.

M: O que você destaca, a partir dos cadernos, do universo afetivo do seu pai? De que forma essa leitura se relaciona com a imagem que você tinha dele?

CT: A imagem que eu cheguei a ter dele era a de milhões de brasileiros daqueles anos: a de um homem autoritário, e que via o castigo físico como instrumento indispensável da educação dos filhos – alguém que produz medo, como eu digo no livro. A leitura das cartas desde jovem indica alguém em busca da “mulher ideal”, que preencheria o clássico modelo familiar patriarcal.

M: Quais aspectos da vida política nacional ganham evidência?

CT: As cartas vão indiretamente refletindo, ano a ano, as transformações sociais e políticas do país. Descobri, por exemplo, que meu pai, ainda soldado em Florianópolis, se encantou pelo integralismo e por Plínio Salgado. Mais tarde, já carteiro em Lages, terá o apoio da poderosa família Ramos, braço de **Getúlio Vargas** no estado, para conseguir trabalho em Florianópolis, quando começa os estudos de Direito. Nos anos 1950, ele apoia a UDN, e começa a pensar numa carreira política – para a qual, é visível, não tinha nenhuma vocação. Toda a correspondência revela os traços brasileiríssimos da política miúda das nomeações, dos cargos, das indicações e pistolões da esfera pública em que se apoiavam as ambições profissionais em toda parte. Sua correspondência é uma micro-história do seu tempo.

M: De que forma você enxerga “Visita ao Pai” em comparação com “O Filho Eterno”?

CT: Em *O Filho Eterno*, o problema a resolver era eu mesmo; com o *Visita ao Pai*, o problema é meu pai. Mas, como logo descobri, essas entidades jamais se separam. O ponto de aproximação é a entidade familiar, o “imperativo ético” que ela representa desde a invenção da família moderna (digamos assim) no século 19, e que hoje já é outra coisa.

Do ponto de vista literário, a minha transformação em personagem n’*O Filho Eterno* aconteceu naturalmente; o narrador é um pai de 50 anos contemplando a si mesmo aos 20. A forma romanesca caiu como uma luva, por assim dizer. Já o *Visita ao Pai* é uma mescla narrativa que não tira o pé do fato real, do documento expresso, da história concreta – o ficcional é a técnica, não a essência do livro. A forma é romanesca, mas há um pressuposto de realidade que em nenhum momento me abandona. De qualquer forma, hoje vivemos permanentemente uma simbiose entre ficção e não ficção, para onde quer que se olhe; a literatura acompanha o mundo.

M: Por fim, uma das suas participações no Festival Fronteiras tem como tema as narrativas da intimidade. Quais reflexões “Visita ao Pai” lhe ofereceu em relação à abordagem da intimidade – a própria e a de outra pessoa – pela literatura?

CT: Boa parte da literatura moderna nasceu da descoberta da intimidade; no processo da urbanização, a vida íntima das pessoas passava a ser um valor especial e protegido, em oposição a um mundo em que tudo era público e partilhado, quando só nessa esfera alguém tinha valor. Talvez estejamos retornando, pela tecnologia da onipresença digital, a um mundo mental pré-urbano, em que a noção de intimidade deixa de ser um valor em si. Mas tenho a impressão de que um escritor não pensa muito nisso quando escreve – você mergulha no tema, na linguagem, na intuição, e a própria experiência vai dando a substância do texto.

Ricardo Romanoff

Repórter e editor de Cultura na Matinal. Também é tradutor, com foco em artes e meio ambiente, além de trompetista de fanfarra nas horas vagas. Contato: ricardo@matinal.org